

# Da Guerra contra a Inflação à Guerra do Golfo\*

Zeno Soares Crocetti\*\*

## "TRISTES TRÓPICOS"

Sem a pretensão demagógica de dono da verdade, nem mesmo de Guru dos oráculos pós-modernos, nem previsões proféticas a la Nostradamus, mas como observador crítico e cronista da realidade cotidiana, vêm dissecar o Plano Collor 2 e a Guerra do Golfo.

É preciso não se iludir com as falácias palacianas, que nos remetem ao passado, nos ameaça com velhas retóricas golpistas, e nos enfiam goela abaixo pacotes mirabolantes, com o intuito de nos salvar. Os burocratas de serviço criam poderes imperiais, colocando-se acima do poder constituído do Legislativo, criando desmandos acima da ordem jurídica.

O fracasso do Plano Collor I provou que não é possível governar sozinho, baseado no "bateu, levou", pois o resultado é uma inflação de mais de 20% ao mês, o descrédito da equipe econômica e, principalmente, seu isolamento político... Mas parece que Collor e sua equipe não aprenderam a lição de casa, pois, sem nenhuma justificativa convincente, foi apresentada ao povo brasileiro uma virada radical de 180° no rumo da política econômica. Ressuscitou até a SUNAB, que tinha sido desativada e seus funcionários postos em disponibilidade.

Dessa vez o povo começa a dar sinais de maior maturidade: nove dias após a decretação do Plano, ele foi reprovado em 40% pelos brasileiros de 10 capitais brasileiras, pesquisa feita pela Datafolha, e 58% se achou prejudicado. A equipe econômica já pode orgulhar-se de pelo menos um êxito, contra a onda de fracasso absoluto: o desabastecimento de produtos essenciais começou já no quarto dia do congelamento, batendo o recorde dos futuros manuais de economia. O congelamento bolado pela brilhante equipe econômica teve a originalidade de aumentar os preços (até dos remédios, que dias antes eram acusados de aumentos abusivos). É ainda mais claro que todo fim de congelamento significa aumento de preços. Dessa forma, o "novo" nada mais é que uma cópia mal feita, com segundas intenções, reduzindo a cultura econômica histórica a nada, degradando a possibilidade da crítica, criando uma geração de conformistas, impedindo a possibilidade da mudança.

## "A BRAVURA NÃO CONHECE LIMITES"

O presidente Bush, seu vice Quayle, o secretário de Estado Baker e o chefe de Estado Maior Powell repetiram a mesma frase: "O Iraque não será outro Vietnã".

Cadáveres alinhados em calçadas sujas manchadas de sangue. Alguns desses corpos, mutilados, pertencem muitas vezes a crianças, mulheres e velhos. Os sobreviventes desaparecem, fugindo para o Norte. Moscas zumbem em cidades mortas.

Eventualmente, a CNN anotam o número de mortos, detalhes rápidos - seu relato é breve e impessoal. As telefotos transmitidas pela AP e UPI, são editadas em cantos de página; nos noticiários das oito da noite na Tevê, as imagens não ficam no ar mais de 15 segundos.

A democracia liberal, com os propósitos nobilíssimos, agora chamados de "aliados", vêm agora falar de "defesa da ordem jurídica internacional". Sir Rambo Bush vem ao vídeo universal - com a mesma pompa de quem invadiu o Panamá, seqüestrando-lhe o chefe de Estado e mantendo o país, até hoje, sob ocupação militar -, dizer que está cumprindo a resolução da ONU (desocupar o Kuwait) e dos alvos fumegantes em Bagdá deverá surgir, como anunciou o presidente, uma "nova ordem internacional".

O Iraque não é o Vietnã, mas está viva nos corações e mentes a humilhação sofrida com a morte de 58 mil jovens vidas estadunidenses em defesa dos interesses de um regime corrupto e impopular. Nos EUA, já começou a grita, pois do efetivo que foi ao "front" 25% do total são negros, quando a população negra estadunidense só representa 12% do total. Será outro etnocídio?

Quanto aos gastos, Bush já declarou: dos 80 bilhões de dólares destinados à saúde e educação, haverá cortes para esse ano e ele previu apenas 20 bilhões de dólares para esses setores. Portanto, como acabamos de observar os dados, trata-se realmente de uma "guerra justa", como profetizou o pensador liberal ocidental Noberto Bobbio.

Em meados de fevereiro de 91, Bush rejeitou e ironizou no mais sórdido desrespeito, a proposta de Paz de Sadam Hussein, e sugeriu um golpe militar contra Sadam. Será que é essa a tal "nova ordem internacional"? No campo de batalha, jornalistas tornam-se guerreiros, e recebem bandeiras norte-americanas que foram utilizadas em seus aviões durante o bombardeio inicial a Bagdá. Assim, os repórteres se comovem com editoriais do tipo: "a bravura não conhece limites", ou "estamos preparando o caminho para o nascer da esperança...".

Realmente a democracia liberal é neutra e justa.

\* Publicado no jornal O Tingüi nº 0, ano 1, Curitiba: março, de 1991, p.8.

\*\* Professor de geografia na UNIBEM, Curitiba.